

**O SONHO
DA ESCRITA
DOS SONHOS**

Coleção TerramaR

Coordenadores

Nina Virgínia de Araújo Leite (Unicamp)

J. Guillermo Milán-Ramos (Udelar/Uruguai – Outrarte/Unicamp)

Conselho Editorial

Cláudia de Lemos (Unicamp)

Flávia Trócoli (UFRJ)

Viviane Veras (Unicamp)

Paulo Endo (USP)

Ana Costa

**O SONHO
DA ESCRITA
DOS SONHOS**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Costa, Ana

O sonho da escrita dos sonhos / Ana Costa. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2023. – (*Coleção Terramar*)

ISBN 978-85-7591-758-9

1. Psicanálise 2. Psicologia 3. Sonhos I. Título. II. Série.

23-175888

CDD-154.63

Índices para catálogo sistemático:

1. Sonhos : Psicologia 154.63

capa: Studio Rotta Design Gráfico

gerência editorial: Vande Rotta Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final da autora

bibliotecária: Tábata Alves da Silva – CRB-8/9253

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 3

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

*À Catherine Millet,
pelo amor da escrita.*

SUMÁRIO

Prefácio	
<i>FLUTUAR NO MAR,</i> A ESCRITA DA PSICANÁLISE ENTRE O SONHO E A LITERATURA	9
<i>Flavia Trocoli</i>	
DE SAÍDA.....	13
FANTASMAGORIAS.....	19
O CANAL DO SONHO.....	25
O CORREDOR ENTRE VIDAS	39
O TELHADO... ..	49
TRAVESSIAS, PASSAGENS... ..	55
A PORTA.....	63
ABERTURA E FECHAMENTO.....	73
A QUEDA... ..	79
A POSTERIORI... ..	85

F Prefácio **LUTUAR NO MAR, A ESCRITA DA PSICANÁLISE ENTRE O SONHO E A LITERATURA**

*Não sei o que foi, só sei que permaneci na Terra e que meu
barco, desde então, navega por águas terrenas.*

Franz Kafka, em “O caçador Graco”

*Eles se narram para mim em sua língua, ... Dócil, não digo
uma palavra, o sonho dita, obedeço de olhos bem fechados... Ad-
miro a potência inaudita de Freud, primeiro e último cartógrafo
desses continentes estrangeiros, o Shakespeare da noite... Os
sonhos são teatros que encenam peças de aparência para deixar
deslizar peças inconfessáveis sob a cena da confissão.*

Hélène Cixous, em fragmentos que
escolhi do livro *Rêve je te dis*, 2003

Ana Costa dedica *O sonho da escrita dos sonhos*, este livro, a Catherine Millot. E foi Millot quem disse em *O Solitude!* de um livrar-se do *supereu teórico* para escrever outra coisa. Escrever outra coisa diante do abalo, do susto, do confinamento. Livrar-se em pleno confinamento, como? A partir da prisão em casa em 2020, Ana Costa permitirá que sua mão receba os ditados de outro lugar, de outros tempos,

para escrever com o sonho: “*Era um telhado... dentro de um quarto.*” A imagem, “linda construção do inconsciente”, transpõe os limites entre dentro e fora, entre sonho e teorização, entre medo e salvação. A imagem dá permissão para navegar em terra, para voar no mar, para caminhar no ar. O que, neste livro, se faz com o sonho, com a literatura, com as imagens, evoca o ponto em que Jacques Lacan situou uma das linhas de força de transmissão da escrita freudiana, qual seja: sua liberdade formal. Antes de Marcel Proust fazê-lo na literatura, o gesto de invenção da psicanálise pelo *Shakespeare da noite* rompe as fronteiras que segregavam o discurso científico, o discurso autobiográfico, o ensaio e a literatura. A forma deste livro, desde seu título, segue esses rastros para elevar o horror à dignidade de palavra. Para fazer da casa uma ruína em que os cacos, irreversíveis e insubstituíveis, escreverão um recanto de leitura que flutua no telhado, navega em águas terrenas, se protege no mar, faz amor com o sonho.

A autora nos diz que os sonhos são “fios soltos com que os textos literários teceram trilhas”, para desdobrar o medo, ela revisita *A paixão segundo G.H.*, 1964, de Clarice Lispector. No quarto da empregada, abismo aberto em sua casa, diante da porta do armário que acabara de esmagar a barata, G.H. diz que *não estava presa, estava situada*. Ao modo de G.H., nas primeiras linhas intituladas “De saída...”, aquela que escreve este livro anuncia que retomará um acontecimento que causará estranheza, que parece passado e destinado a ser esquecido. Um pesadelo? Uma ficção mal construída? ela se pergunta.

Nas linhas seguintes, o leitor é situado no tempo e na injunção trazida por ele: “Março de 2020 e a palavra de ordem ‘fique em casa’”. No Brasil, no entanto, a violência do vírus juntou-se à

violência de uma palavra armada, mortífera também porque menosprezava o acontecimento e o alinhava ao lado de *tenebrosas transações*, não dando chance à palavra, à metáfora. Em 1964, G.H., e Clarice, viu as velhas estruturas cederem e, logo, se tornarem ainda mais irrespiráveis. O que fazer com o desastre? Inventar passagens das ficções do si mesmo às ficções do Outro. “Perder o peso do corpo e flutuar na imensidão do mar” – escreveria aquela que mergulhou e emergiu das águas de Cartagena, em fevereiro de 2020. O que fazer com o confinamento? Como G.H, libertar-se da *dona da casa*, para ler as inscrições do Outro, da empregada, do animal, do sonho, da literatura. Livrar-se das armaduras do *eu* que fala só para escrever em uma primeira pessoa do singular que se alarga em Shakespeare, em Rosa, em Duras, em Borges, em Hoffmann, em Hamlet, em pai, em filho, em Lol, em Beatriz, em cova, em canoa, em baile, em boneca, em areia. “Brincar, fantasiar e sonhar misturam caminhos que depois se diferenciam”, escreve este livro que o desastre, em outro tempo, reúne, ou des-conjunta, em *sonho da escrita dos sonhos*. Quem, morrendo de medo e de frio, não teme a travessia, pode começar com os estilhaços da queda de um abajur. O leitor experimentará.

Nas últimas linhas, diante dos cacos da última cena, eu também chorei. Desatou o nó na garganta feito desses fios: Joyce, Rosa, Duras, Borges, Shakespeare e Derrida, Freud e Lacan para dizer dos autores; Hamlet, Bloom, Lol, Alice, Beatriz, o pai, o filho, a tia, para dizer das personagens. Ficções deles, ficções suas; fiações entremeadas com extrema precisão. A solidão é a casa dos fantasmas. Confinada no apartamento, confinada entre o rio e o mar, confinada na canoa, em Dublin. Livre no mar das últimas férias, livre no sonho, na escrita, livre na queda. Sim, este livro testemunha, já que aquele que escuta não sai ileso, ele remonta a cena,

trabalha, também separa os detritos, separa as cinzas que ficam e as cinzas lançadas ao mar do alto de um telhado dentro de um quarto. Paris-Porto Alegre-Rio de Janeiro. No mar, em que em outra língua ressoa mãe, há as cinzas que se tornam tinta, há isso que passa da mão à tecla à tela do sonho, página escrita por outrem. Quanto mais dentro, mais aflora: a casa, o livro, a lágrima. O rio rola, terá porto, será alegre, ou de janeiro? A palavra perfaz seu voo. Isso não pouco, já que esse voo faz a psicanálise deslizar, voltar ao seu lugar, sempre outro, a ser lido. Também neste livro. Que ele voe, flutue. Como essa barca que, em sonho, navega entre a morte e a vida.

Copacabana, Rio de Janeiro,

23 de julho de 2023.

Flavia Trocoli